



ESPAÑHA



Grupo de Estudos Técnicos da Fifa mostra como intensidade, mobilidade e inteligência coletiva desenham futuro e identificam a Espanha, campeã da Copa do Mundo de 2026, como símbolo da transformação



Espanha ocupa o campo defensivo da Argentina e controla o jogo: a bola não era apenas uma ferramenta de controle. Era uma forma de atacar

A nova era do futebol

MARCOS PAULO LIMA
ENVIADO ESPECIAL

Nova Jersey — A Espanha deixou o MetLife Stadium com a taça, mas a Copa do Mundo de 2026 terminou com um legado muito além da imagem do capitão Rodri erguendo o troféu. A maior edição do torneio entregou ao futebol um novo mapa. A conclusão é do Technical Study Group (TSG) — o Grupo de Estudos Técnicos da Fifa. A equipe é formada por técnicos, ex-jogadores e especialistas responsáveis por analisar as 104 partidas e identificar os caminhos e as tendências do jogo nos próximos anos.

A principal mensagem dos especialistas é de que o futebol mudou outra vez. A expansão para 48 seleções, cercada de dúvidas antes da competição, aumentou a competitividade sem reduzir o padrão de excelência. Ao mesmo tempo, a Copa confirmou uma transformação tática: o futuro pertence às equipes capazes de combinar intensidade, inteligência coletiva e jogadores preparados para ocupar diferentes espaços. A Espanha é a tradução perfeita desse novo capítulo. Campeã devido ao talento, mas principalmente porque apresentou o modelo de jogo mais completo. O relatório do TSG não é apenas uma análise sobre a conquista espanhola contra a Argentina no último domingo, por 1 x 0. Faz um retrato do estágio atual mundial de seleções. A Copa respondeu a uma desconfiança desde o anúncio do novo formato: uma competição com 48 participantes manteria a qualidade? Arsène Wenger, chefe do Desenvolvimento Global do Futebol da FIFA e uma das principais referências do Grupo de Estudos Técnicos, defende que a mudança representava uma evolução. “Isso foi questionado antes. Descobrimos que era eticamente necessário dar oportunidade para mais países”, argumenta o técnico histórico do Arsenal por 22 anos no período de 1996 a 2018. A frase resume uma das principais conclusões do grupo: o futebol deixou de ser concentrado em poucos centros de excelência. O Mundial mostrou seleções emergentes organizadas, jogadores preparados e técnicos

VISÃO DE JOGO | Como cada integrante do TSG resume a Copa

Divulgação/Fifa



» Arsène Wenger

A expansão do Mundial provou que o futebol ganhou novos protagonistas.

Divulgação/Fifa



» Gilberto Silva

As transições superaram as bolas paradas como fator decisivo.

Divulgação/Fifa



» Pablo Zabaleta

O lateral moderno deixou de ser corredor e virou peça de construção.

Divulgação/Fifa



» Jurgen Klinsmann

A preparação mental e a capacidade de adaptação foram diferenciais.

Divulgação/Fifa



» Tobin Heath

O futebol feminino e masculino caminha para um jogo cada vez mais técnico e veloz.

Taticamente falando...

CINCO TENDÊNCIAS TÁTICAS DA COPA 2026

» Fim das posições engessadas

O futebol abandonou definitivamente o jogador preso a uma faixa do campo. A Copa mostrou atletas capazes de interpretar diferentes espaços durante a mesma partida. O lateral virou meia. O zagueiro virou construtor. O ponta virou armador. O volante virou elemento surpresa. A pergunta deixou de ser “qual é a posição dele?” e passou a ser “qual espaço ele consegue ocupar?” A Espanha foi o exemplo máximo dessa transformação.

» Pressão coletiva

O futebol de alto nível não permite mais esperar o adversário errar. As equipes mais eficientes da Copa pressionaram imediatamente após perder a bola. A recuperação rápida tornou-se uma arma ofensiva. O objetivo não era apenas retomar a posse. Era recuperar perto do gol adversário. A distância entre atacar e defender ficou cada vez menor.

» Transição vale ouro

A Copa confirmou que muitos jogos são decididos nos segundos seguintes à perda da bola.

A equipe capaz de acelerar enquanto o rival ainda está desorganizado cria vantagem. Gilberto Silva resumiu essa mudança ao explicar por que as bolas paradas, embora importantes, não seriam o principal caminho para vencer um Mundial. O futebol moderno premia quem pensa antes.

» Jogador híbrido

O atleta ideal para o futuro será aquele capaz de executar diferentes funções. Não basta um lateral saber cruzar. Ele precisa construir. Não basta um atacante finalizar. Ele precisa pressionar. Não basta um volante marcar. Ele precisa participar da criação. A formação das próximas gerações seguirá essa lógica.

» A elite ficou maior

A Copa de 48 seleções entregou uma das grandes respostas do torneio. A distância técnica entre seleções tradicionais e emergentes diminuiu. O conhecimento se espalhou. A preparação evoluiu. A surpresa deixou de ser exceção. O futebol mundial de seleções ganhou novos protagonistas.

com mais acesso ao conhecimento. A distância entre potências e novos competidores diminuiu. Segundo o TSG — formado também por Otto Addo (Gana), Jurgen Klinsmann (Alemanha), Gilberto Silva (Brasil), Michael O'Neill (Irlanda do Norte), Jon Dahl Tomasson (Dinamarca), Paulo Wanchope (Costa Rica), Aron Winter (Holanda) e Pablo Zabaleta (Argentina), além da treinadora Jayne Ludlow (País de Gales) e da meio-campista Tobin Heath (EUA) —, a Copa ficou maior porque o futebol evoluiu. O receio de um torneio desequilibrado não se confirmou. Seleções sem tradição histórica, como Cabo Verde, desafiaram adversários mais fortes e a margem para erros caiu. Os africanos empataram com a campeã Espanha; e perderam para a vice Argentina por 3 x 2 na prorrogação na fase de 16 avos. Futuro Se a Copa revelou um futebol mais democrático, a Espanha avançou. A equipe não conquistou o título apenas pelo brilho de Lamine Yamal ou pelo gol decisivo de Ferran Torres. A vitória nasceu de uma ideia coletiva. Representa uma das principais tendências identificadas pelo TSG: o desaparecimento das posições fixas. O jogador moderno não pertence mais a um lugar. Circula pelos espaços. Laterais aparecem como meias. Zagueiros iniciam construções. Pontas participam da criação. Volantes

chegam à área. Meias pressionam. Para os observadores da Fifa, a Espanha dominou essa dinâmica. Conseguiu controlar o jogo com a bola, mas competiu sem ela. Pressionava após perder a posse e recuperava a bola em zonas perigosas. Foi uma das principais lições do Mundial: intensidade deixou de significar correr mais. O segredo passou a ser correr melhor. Bola parada Outro debate envolvia o crescimento das bolas paradas como arma. O sucesso de clubes europeus em jogadas ensaiadas alimentava a expectativa de que o fundamento teria papel dominante no Mundial. Campeão da Copa em 2002, o ex-volante brasileiro Gilberto Silva apresentou uma leitura diferente. “Pode ser uma arma, mas não acredito que seja a principal em uma Copa”, ponderou, destacando uma característica específica do futebol de seleções: os treinadores têm pouco tempo para desenvolver mecanismos complexos. Daí a aplicação nas seleções: recuperação rápida da bola, pressão coordenada, transições velozes e capacidade de adaptação. A Copa confirmou essa tendência. Os grandes times venceram porque souberam transformar uma recuperação defensiva em oportunidade. O instante entre perder e recuperar a bola virou um dos momentos mais valiosos. Uma das maiores transformações observadas pelo TSG foi a mudança

no perfil do jogador. O futebol moderno deixou de procurar especialistas restritos. Agora exige jogadores completos. A formação das próximas gerações seguirá essa lógica. O jogador do futuro será aquele capaz de entender o jogo antes de executar o lance. A técnica continuará sendo fundamental, mas a inteligência espacial ganhará mais peso. Sistemas táticos A Copa também reforçou uma tendência: os desenhos táticos importam menos do que os comportamentos. Uma equipe pode jogar configurada no 4-3-3, 4-4-2 ou 3-4-3, mas o que define a identidade é a maneira como ocupa o campo. O TSG identificou que as melhores seleções foram capazes de mudar durante a partida sem perder organização. O desenho inicial virou apenas o ponto de partida. A Espanha levantou a taça, mas o vencedor simbólico foi o próprio futebol. A Copa de 48 seleções funcionou. O equilíbrio aumentou. Novos países ganharam protagonismo. As equipes ficaram mais preparadas. E as tendências apontadas pelo TSG indicam uma próxima geração ainda mais versátil. O relatório da Fifa funciona como uma janela para o futuro. A mensagem é clara: o futebol será menos sobre posições e mais sobre interpretação. A Espanha ganhou, mas o Mundial revelou algo maior: o futebol começou a próxima era.